

Atributos de Qualidade e Complexidade de Mensuração nas Transações: um estudo em exportadora de cafés especiais

Quality Attributes and Complexity of Measurement in Transactions: a study in an exporter of special coffee

Julia Kiill Santos¹, Amanda Ferreira Guimarães¹, Sandra Mara de Alencar Schiavi¹,
Priscilla Tiara Torrezan Chaves¹

¹Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil.

INFOARTIGO

Palavras-chave:

Ambiente institucional,
Custos de mensuração,
Cadeia global de café,
Qualidade.

RESUMO

O Brasil é player na cadeia global de cafés. Entretanto, no subsistema de cafés especiais, esforços de coordenação são necessários. Dada complexidade do produto, e a diferenciação como alternativa para pequenos produtores, este estudo buscou descrever os mecanismos de mensuração de cafés especiais, por meio da análise das transações de compra e venda entre produtores e uma exportadora brasileira. Sustentada pela Economia dos Custos de Mensuração, essa pesquisa qualitativa envolveu entrevistas com uma exportadora e observação junto a produtores de cafés especiais. Como resultados, destaca-se a complexidade da mensuração, realizada em quatro etapas – avaliação de umidade, de aspecto físico, olfativo e sensorial. Observou-se que a variabilidade inerente ao produto implica necessidade de mensuração e remensuração ao longo do processo e da cadeia. A mensuração se respalda, nas três primeiras etapas, em ambiente institucional brasileiro, e na quarta etapa em protocolo internacional. Por um lado, o ambiente institucional é importante para balizar as transações; por outro lado, destaca-se as divergências entre os ambientes institucionais (nacional/internacional).

ARTICLE INFO

Keywords:

Institutional environment,
Measurement costs,
Global coffee chain,
Quality.

ABSTRACT

Brazil is a player in the global coffee chain. However, coordination efforts are needed. Given the complexity of the product, and differentiation as an alternative for small producers, this study aimed to describe the mechanisms for measuring specialty coffees by analyzing the purchase and sale transactions between producers and an exporter in Brazil. Supported by the Economics of Measurement Costs, this qualitative research involved interviews with an exporter and observation with producers of specialty coffees. As results, the complexity of the measurement is highlighted, performed in four stages - evaluation of humidity, physical appearance and olfactory and sensorial. It was observed that the inherent variability of the product implies the need for measurement and re-measurement throughout the process and the chain. Measurement is supported, in the first three stages, in the Brazilian institutional environment, and in the fourth stage in an international protocol. On the one hand, the institutional environment is important for balancing transactions.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Correspondência para autores:

juliakiill@hotmail.com (Santos, J.K.) (ORCID: [0000-0002-8194-9159](https://orcid.org/0000-0002-8194-9159)),
amandafguimaraes@live.com (Guimarães, A.F.) (ORCID: [0000-0002-4425-0306](https://orcid.org/0000-0002-4425-0306)),
smaschiavi@uem.br (Schiavi, S.M.A.) (ORCID: [0000-0002-3285-1243](https://orcid.org/0000-0002-3285-1243)),
priscilla.1007@hotmail.com (Chaves, P.T.T.) (ORCID: [0000-0001-6776-6543](https://orcid.org/0000-0001-6776-6543))

DOI: doi.org/10.51359/1679-1827.2021.240123

1. Introdução

O agronegócio brasileiro possui alta relevância econômica no âmbito interno e externo (USDA, 2018). Especificamente para o café, o Brasil é o principal *player*, se posicionando como maior produtor e exportador mundial de café verde (USDA, 2018). No contexto interno, o café representou, em 2017, a quinta lavoura mais importante na composição do Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP), gerando mais de 21 bilhões de reais (BRASIL, 2018).

Até a década de 90, o setor cafeeiro brasileiro sofreu grande influência do ambiente institucional governamental (VOTTA; VIAN; PITELLI, 2006; SAES, 2007; SAES; SILVEIRA, 2014). Até meados dos anos 1990, a venda de cafés era marcada pela caracterização do produto como *commodity*, via mecanismo de preço, não distinguindo lotes bons e ruins, desvalorizando a cautela com a produção dos grãos (VOTTA; VIAN; PITELLI, 2006; SAES, 2007). Após meados da década de 90, o envolvimento do governo foi reduzido por meio da desregulamentação do setor, possibilitando maior ganho para o mercado por meio da produção de bens de qualidade (VOTTA; VIAN; PITELLI, 2006; SAES; SILVEIRA, 2014).

Nesse contexto, Trienekens (2011) sugere, como alternativa, a inserção em cadeias globais voltadas para produtos com maior valor agregado. Saes (2006) e Marescotti e Belletti (2016) defendem que o mercado de diferenciação pode ser encarado como um nicho alternativo para a comercialização do café de qualidade, visando os produtores que não conseguem espaço em mercados de grande escala. Além disso, há uma crescente demanda dos consumidores por produtos diferenciados, com apelo de qualidade e preocupações socioambientais (PONTE, 2004; LEME; MACHADO, 2010; QUADROS, 2012; NICOLELI *et al.*, 2015; MARESCOTTI; BELLETTI, 2016). Entre as vantagens adquirida pela produção de grãos diferenciados, encontra-se a obtenção de alto retorno monetário devido ao valor elevado de compra e venda, e acesso a mercados internacionais (DONNET; WEATHERSPOON; MOSS, 2010; NICOLELI *et al.*, 2015).

A diferenciação do café, dessa maneira, é realizada por meio da agregação de valor ao produto, em diferentes atributos, para que ele seja visto pelo consumidor com um valor superior (TRIEKENS, 2011; NICOLELI *et al.*, 2015; TÓTH, 2015). Consequentemente, é preciso que os consumidores obtenham, além dos aspectos extrínsecos, a percepção de qualidade por meio da análise dos atributos do grão e da bebida (SANTOS; NANTES, 2014). Contudo, essa verificação é classificada como complexa, tendo em vista a diversidade de atributos do café, aumentando a dificuldade de mensuração (DONNET; WEATHERSPOON; HOEHN, 2007; DONNET; WEATHERSPOON; MOSS, 2010; MARESCOTTI; BELLETTI, 2016). Sob a perspectiva da Economia dos Custos de Mensuração (ECM), a mensuração das dimensões envolvidas na transação é necessária para garantia de direitos de propriedade, sendo condição para escolha das formas de governança (BARZEL, 2005).

Ao considerar que a diferenciação como estratégia sustentável passa pela criação, distribuição e remuneração do valor gerado ao longo da cadeia (BÁNKUTI, 2016), a mensuração se torna componente essencial. No caso do café, a complexidade do produto e, consequentemente, de mensuração favorecem a assimetria de informação entre as partes, podendo comprometer o desenvolvimento da cadeia de cafés especiais. Assim, entende-se que a adoção de mecanismos de mensuração e de remuneração pela qualidade possam gerar incentivos à diferenciação nessa cadeia.

Dada a relevância da cafeicultura brasileira, a complexidade de atributos de qualidade do café e da necessidade de mecanismos de mensuração adequados para a eficiência da cadeia, o objetivo do presente trabalho consiste em descrever os mecanismos de mensuração de cafés especiais, por meio da análise das transações de compra e venda entre produtores e uma exportadora brasileira.

O trabalho está organizado em cinco seções. Além desta, introdutória, a segunda tem como intuito apresentar as bases teóricas que sustentaram o estudo. A terceira apresenta os procedimentos metodológicos adotado. Na quarta seção, são apresentados e discutidos os resultados; a última seção versa sobre as conclusões desta pesquisa.

2. Revisão Teórica

Este tópico tem como intuito apresentar o constructo teórico composto pela contextualização da Nova Economia Institucional (NEI), com foco na perspectiva micro analítica da Economia dos Custos de Mensuração (ECM).

Como alternativa à visão econômica neoclássica, na qual considerava o livre funcionamento do mercado como forma eficiente, Coase, em sua obra “*The Nature of the Firm*” (1937), questionou o porquê da existência de uma variedade de formas organizacionais. Concluiu que existem custos em transacionar via mecanismo de mercado, custos esses denominados por Williamson (1985) por custos de transação.

Joskow (2004) afirma que a partir da contribuição de Coase uma série de novos campos se empenharam em investigar pontos que foram ignorados pela teoria neoclássica. Um deles é a Nova Economia Institucional (NEI), a qual considera que os diferentes tipos de instituições (valores, instituições legais, normas jurídicas, firmas) importam. O autor aponta que o foco da NEI reside na análise: do ambiente institucional básico, envolvendo o exame dos direitos de propriedade, das instituições legais, políticas, e das normas jurídicas; e dos níveis de governança no qual as transações são organizadas (JOSKOW, 2004).

No que diz respeito ao estudo da distribuição de direitos de propriedade, existem duas vertentes, a *Old Property Right Approach* (OPRA) e a *New Property Right Approach* (NPRA). Segundo Foss e Foss (2000), enquanto a primeira preocupa-se com questões associadas ao direito de usar o ativo, a segunda busca compreender quem é o dono do ativo, e, com isso, considera que direitos residuais de controle são perfeitamente garantidos. Componente da OPRA, a Economia dos Custos de Mensuração (ECM), foco desse estudo, busca compreender a adoção de mecanismos de governança em função dos atributos de qualidade envolvidos na transação.

Com relação a organização da firma, diversas teorias surgiram, entre elas a Economia dos Custos de Transação (ECT) e a Economia dos Custos de Mensuração (ECM), mencionada anteriormente, ambas buscavam inferir custos de natureza distinta do custo de produção. Nesse contexto, Williamson (1985) trouxe considerações relevantes a respeito dos ativos específicos e eficiência das estruturas de governança. Contudo, Barzel (2005) afirma que a ECT é pouco operacional na compreensão das firmas do mundo real. Segundo o autor, esse entendimento demanda não apenas a investigação em termos de especificidade de ativos, mas, das informações sobre as dimensões que compõem esse ativo (BARZEL, 2005). Diante disso, Yoram Barzel propôs a Economia dos Custos de Mensuração, a qual avança na proposta da teoria dos custos de transação.

Na perspectiva de Barzel (2005), um ativo é composto por diversos atributos, e é a informação sobre tais atributos a responsável por conferir propriedade sobre eles. É a tomada de conhecimento sobre a composição das mercadorias trocadas que permite a definição dos proprietários dos atributos que compõem o ativo (BARZEL, 2005).

Para o autor, existem dois tipos de direitos de propriedade: direito econômico e direito legal. O primeiro refere-se à habilidade de usufruir determinada mercadoria direta ou indiretamente, e o segundo, é a propriedade atribuída a determinado agente por meio de mecanismo legal (Estado) (BARZEL, 1997, 2005). Segundo Zylbersztajn (2005), o direito legal impacta no direito econômico na medida em que, se o Estado não é capaz de oferecer soluções a um menor custo, as partes optam por adotar mecanismos privados para protegerem seus direitos econômicos.

Isso acontece, em grande parte, nos casos em que a mensuração das dimensões transacionadas é difícil, e, portanto, não há informações disponíveis para que o Estado garanta a eficiência das transações (BARZEL, 2005). Essa atribuição de propriedade está fundada na lógica de maximização de valor, logo, de proteção de valor. Essa maximização se torna real à medida em que há a concessão de propriedade àquele que é reclamante residual do ativo, e, portanto, apto a proteger contra a disseminação de valor (ZYLBERSZTAJN, 2005).

Para Barzel (2005), a informação impacta diretamente na garantia do direito de propriedade e na geração de custos de transação envolvendo as informações sobre os agentes e o produto. Sem a existência e disseminação de informações sobre um produto, a composição do bem e seu real valor tornam-se obscuros, fazendo com que as transações ocorram com base em “caixas pretas”. Os problemas de assimetria de informação surgem a partir das divergências na detenção da informação sobre o que é transacionado, podendo estar em detenção de diferentes agentes na cadeia (CLAY *et al.*, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2019; GUIMARÃES *et al.*, 2020).

Problemas no modo de organizar as transações podem gerar problemas de incentivo à qualidade, uma vez que a assimetria de informação faz com que a falta de acesso às características de um produto impossibilite a remuneração com base na qualidade (MKHABELA, 2018). A dificuldade de distinguir a qualidade dos ativos, gera um problema de seleção adversa, uma vez que no mercado serão encontrados produtos com qualidades distintas sendo comercializados com o mesmo nivelamento (AKERLOF, 1970; EISENHARDT, 1989).

Além da seleção adversa, destaca-se o problema de risco moral, em que as partes oferecem um baixo desempenho por estarem assegurados após a condução das transações (EISENHARDT, 1989). Makhabela (2018) aponta que tanto seleção adversa quanto risco moral afetam diretamente a mensuração da qualidade de um produto, dado que o comportamento dos agentes em distorcer as informações e a dificuldade em acessar as informações sobre as características de um ativo prejudicam a mensuração.

A dificuldade em conhecer as reais características faz com que produtos com diferentes qualidades sejam comercializados da mesma forma e por um mesmo valor. Uma vez que os agentes não possuem os retornos com base nas características obtidas, ficam também lesados os incentivos à produção com qualidade (AKERLOF, 1970; MKHABELA, 2018).

Os ruídos na definição dos direitos de propriedade pelos problemas de assimetria de informação, complexidade na mensuração, adicionados aos riscos de seleção adversa e risco moral, incorrem em custos de transação positivos. Destarte, os agentes irão definir a forma de organizar as atividades por meio do mecanismo que reduza a dissipação de valor (BARZEL, 2005).

Considerando a necessidade de informação como fator fundamental a percepção transacional, os custos de busca e compartilhamento de informação tornam-se plausíveis de análise, devendo assim ser compreendidos como componente dos custos de transação. Dessa maneira, um comprador ao avaliar o preço de um bem deve avaliar o valor do produto e o custo de busca e verificação da informação do produto (inspeção) (BARZEL, 1982). Barzel (1982, 2005) salienta que nenhuma transação é livre dos custos, e que a obtenção da informação é custosa, sendo que quanto maior for a variabilidade de um produto, maior será o custo para a obtenção de informações sobre a transação.

A necessidade de informação gera um maior custo de mensuração, afinal, o comprador e vendedor almejam obter as mesmas informações sobre as mercadorias. A maneira como essa informação é distribuída e o custo gerado por essa ação, fará com que os agentes busquem diferentes formas de transacionar. Barzel (2005) propõe quatro possíveis estruturas de governança: os leilões e as relações de risco, as relações contratuais, a relação de longo prazo e a integração vertical.

Relações de risco são, segundo Barzel (2005), as formas mais simples de transacionar. Nesse tipo de troca, a informação é coletada *ex ante*. O segundo tipo de organização ao qual Barzel (2005) se refere são as relações contratuais. Esse tipo de relação acontece via apoio do mecanismo legal (Estado). Nesse caso, embora os atributos passíveis de serem contratados possam ser verificáveis e mensuráveis, eles podem ser somente durante o consumo (BARZEL, 2005).

A terceira forma de organizar as atividades é a relação de longo prazo, que, segundo Barzel (2005), implica promessas quanto à conformidade das dimensões. Tais promessas possibilitam aos compradores não fazerem a mensuração no momento da troca e, então, realizarem somente no momento do consumo (BARZEL, 2005). Segundo o autor, isso é especialmente importante para atributos difíceis, e conseqüentemente, custosos de serem mensurados. Apesar disso, Barzel (2005) argumenta que a mensuração durante o consumo é subjetiva e abre margem para a ocorrência de perdas.

Por fim, a integração vertical é adequada quando a mensuração é difícil de ser realizada, ou envolve elevados custos (BARZEL, 2005). Entretanto, enquanto as relações de longo prazo são viabilizadas pela presença de reputação entre as partes, a integração vertical é relevante nos casos em que há a existência de atributos difíceis de serem mensuráveis, mas, sem a construção de reputação entre os agentes (CALEMAN *et al.*, 2006).

De modo geral, Barzel (2005) argumenta que a possibilidade de mensuração define a forma contratual. Propõe que dimensões fáceis de serem mensuradas serão inclinadas a serem contratadas, sendo, em caso de disputas, protegidas pelo Estado. Dimensões difíceis de serem mensuradas são propensas a serem transacionadas via relações de longo prazo amparadas por salvaguardas baseadas na reputação dos agentes ou pela integração vertical (BARZEL, 2005; ZYLBERSZTAJN, 2005).

Diante do quadro teórico apresentado, a seção que segue tem como propósito apresentar quais os procedimentos metodológicos adotados para a realização de pesquisa.

3. Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho é de natureza seccional, uma vez que tem como objetivo não a análise do longo do tempo, mas um momento específico (VIEIRA, 2006), possui natureza qualitativa (MERRIAM, 1998), do tipo descritiva (TRIVIÑOS, 1987). A pesquisa foi realizada com uma exportadora de cafés especiais do Paraná. A escolha do caso ocorreu, além do critério de acessibilidade, pela relevância da exportadora na produção, mensuração e distribuição de cafés especiais. A exportadora é a única empresa exportadora de cafés especiais que comercializa cafés paranaenses, este que tem forte potencial para cafés com qualidade excepcional e com apelo de região (Norte Pioneiro) (COSTA, 2020). Além disso, considerou-se a relevância pelo foco de negócio na comercialização de cafés de alta qualidade e excepcionais para importadores, torrefadores e cafeterias em diferentes países, como Europa, Estados Unidos, Austrália, Japão e China.

A pesquisa foi realizada entre julho de 2017 e janeiro de 2019, por meio de diferentes etapas. Em um primeiro momento foi realizado, de forma exploratória, o levantamento de dados secundários em artigos científicos, livros e relatórios técnicos e acadêmicos, para a compreensão de subsistema de cafés especiais no Brasil. Ainda nessa fase exploratória, em julho de 2017 buscou-se compreender o mercado de cafés especiais, bem como o processo de compra e transação de cafés especiais. Para tanto, realizou-se uma entrevista semiestruturada com o principal responsável na empresa pela gestão e compra de cafés especiais, o sócio gestor e comprador.

Em fase posterior, de caráter descritiva, buscou-se a caracterização da empresa e compreensão das transações para compra de cafés especiais, com foco na mensuração. A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas qualitativas e observações não participantes. Em outubro de 2017, foi conduzida uma entrevista semiestruturada com o sócio diretor da empresa. Em janeiro de 2018, foram conduzidas entrevistas não estruturadas (TRIVIÑOS, 1987) com três funcionários da empresa, responsáveis pelos processos de: 1) relacionamento com produtor; 2) recepção de amostra de café verde, classificação e prova de bebida; e 3) negociação de compra e venda de cafés. Por fim, nos meses de janeiro de 2018 e janeiro de 2019 foram realizadas visitas à empresa, no qual observou-se desde o processo de chegada de uma amostra de café, até a venda para clientes no exterior, passando pela negociação e compra de um lote de cafés especiais.

Como forma de triangular os dados, foi feito acompanhamento com o agrônomo em três propriedades assistidas tecnicamente pela organização e acompanhamento de reunião coletiva com um grupo de produtores de cafés especiais. Além disso, como técnica de observação não participante, visitou-se entre janeiro de 2018 e janeiro de 2019, vinte e oito fazendas produtoras de cafés especiais da região. A técnica de observação foi complementada pela elaboração de notas de campo e relatórios elaborados posteriormente (CLIFFORD, 1990). Além disso, complementou-se as informações com material institucional da empresa (tais como brochuras, folders e material no site eletrônico da empresa), assim como por outros materiais, como a normativa da Classificação Oficial Brasileira (BRASIL, 2013), e as recomendações da Associação de Cafés Especiais (SCA, 2018) e da Associação de Cafés Especiais da América (SCA, 2018). O quadro 01 sintetiza os procedimentos metodológicos para a realização do estudo.

Em seguida, realizou-se a leitura de artigos e a análise dos dados foi feita por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1979). Essa etapa seguiu as fases de pré-análise, exploração do material, e tratamento dos resultados. As categorias foram definidas a priori e a partir do referencial teórico. Em outras palavras, as categorias, que emergiram da teoria, guiaram a realização do estudo (construção do roteiro de entrevista, coleta e análise dos dados) e foram: dimensões envolvidas na transação, mecanismos de mensuração e estrutura de governança. O quadro 2 representa o quadro de análise que guiou o estudo.

Quadro 1 – Sintetização dos procedimentos metodológicos adotados para realização da pesquisa

Etapa da pesquisa	Procedimento metodológico	Responsável/Materiais	Objetivo
Exploratória	Levantamento de dados secundários em artigos científicos, livros e relatórios técnico e acadêmicos	-	Compreensão de subsistema de cafés especiais no Brasil
	Entrevista semiestruturada	Sócio gestor e comprador de cafés especiais	
Descritiva	Entrevista semiestruturada	Sócio gestor e comprador de cafés especiais	Caracterização da empresa e compreensão das transações para compra de cafés especiais, com foco na mensuração.
	Entrevista não estruturada	Três funcionários da empresa responsáveis pelos: 1) processos de relacionamento com produtor; 2) recepção de amostra de café verde, classificação e prova de bebida; 3) negociação de compra e venda de cafés	
	Observação não participante	Visitas à empresa	Observação do processo de chegada de uma amostra de café, até a venda para clientes no exterior, passando pela negociação e compra de um lote de cafés especiais.
Triângulação dos dados	Observação não participante	Visitas a três propriedades assistidas tecnicamente pela organização	Compreensão das transações para compra de cafés especiais, com foco na mensuração.
		Acompanhamento de reunião coletiva com um grupo de produtores de cafés especiais	
	Visitas a vinte e oito fazendas produtoras de cafés especiais da região		
	Materiais institucionais	Brochuras, folders e material no site eletrônico da empresa; Normativa da Classificação Oficial Brasileira; Recomendações da Associação de Cafés Especiais e da Associação de Cafés Especiais da América	

Fonte: elaborado pelos autores

Quadro 2 – Quadro de análise

Categoria de análise	Definição constitutiva	Definição operacional
Dimensões envolvidas na transação	Dimensões que compõem um ativo, nas quais devem ter seus direitos de propriedade distribuídos. Essa distribuição depende da possibilidade de mensuração dessas dimensões, que varia em termos de dificuldade	No café dimensões visuais: cor, tamanho, defeitos, espécie; dimensões sensoriais: sabor, uniformidade, aroma
Mecanismos de mensuração	Mecanismos que orientam a avaliação dos atributos que compõem o ativo	Avaliação segundo os instrumentos do COB, SCA, que pode ser feita de forma visual, sensorial
Estrutura de governança	Modo pelo qual as transações são executadas	Relações de risco, leilões, contratos, relações de longo prazo, internalização à firma

Fonte: elaborado pelos autores com base em Azevedo (2000), Barzel (2005), Figueiredo e Csillag (2010) e Trienekens (2011).

A categoria, dimensões envolvidas na transação, diz respeito ao conjunto de atributos que compõem um ativo, e é alicerçada no trabalho de Barzel (2005), precursor da Economia dos Custos de Mensuração. Para essa teoria, a maneira como as transações são organizadas depende da possibilidade de mensuração dos atributos. Em outras palavras, depende da possibilidade de se conhecer as reais características do ativo. Azevedo (2000), Figueiredo e Csillag (2010) e Trienekens (2011) complementam Barzel (2005) afirmando que há atributos que podem ser mensurados antes, durante ou após a compra. Vale ressaltar que nesse estudo a transação se refere à compra de cafés.

A categoria, mecanismos de mensuração, se referem às formas pelas quais os atributos identificados anteriormente são mensurados. Com base em Barzel (2005), no presente estudo considerou-se mecanismos que avaliam os aspectos físicos, sensoriais, antes, durante e após a compra de cafés. Após conhecer quais são os atributos que compõem o ativo, e, portanto, quais as características que compõem o café, analisou-se a forma como são mensurados, e como acontece a relação entre exportadora e fornecedores. Para analisar essa relação considerou-se, então, quais as estruturas de governança entre eles. Por fim, os dados foram organizados possibilitando as inferências e considerações finais. Na seção quatro é descrito os resultados e a discussão. A seguir, é apresentada a empresa exportadora de cafés especiais, foco desse estudo.

3.1. Caracterização da exportadora

A exportadora de cafés especiais em estudo tem quatro anos de atuação no mercado. Seus escritórios são estrategicamente localizados nos estados de São Paulo e Paraná, região caracterizada pela produção de cafés em alta latitude. Seus fornecedores produzem cafés nas regiões do Norte Pioneiro e Norte Novo (Paraná), Sorocabana, Garça e Marília, Circuito das Águas Paulistas, Alta Mogiana (São Paulo). O objetivo da empresa consiste em comercializar os cafés produzidos dentro da região de clima subtropical, o qual, segundo os entrevistados, afeta diretamente a maturação do fruto, resultando em um diferencial em termos de perfil de bebida.

A empresa está inserida em uma cadeia global de valor, sendo a maior parte de suas aquisições direcionadas para consumidores em regiões como Austrália, China, Estados Unidos, Japão e Europa. Em termos de portfólio de produto, a empresa possui seis categorias diferentes de cafés, sendo elas: *varietal*, *signature*, *boutique*, *exclusive*, *estate* e *microlot*. Tais categorias possuem diferentes níveis de exigência produtiva.

Para obtenção de cafés de alta qualidade, especialmente os excepcionais (pontuação acima de 86 pontos no instrumento disponibilizado pela SCA), a empresa busca construir um relacionamento duradouro com seus fornecedores por meio de projetos de incentivo técnico e gerencial na produção de cafés especiais, alinhado ao preconizado por Trienekens (2011). Nesse sentido, é possível dar destaque para um programa que visa valorizar aspectos intrínsecos e extrínsecos da produção de café, sempre com apelo de origem. Tal programa é

desenvolvido em quatro eixos.

O primeiro deles voltado para valorização de cafés de fazendas (*estate*), cujo apelo remete à propriedade de origem da produção. Os outros três eixos se voltam para aspectos sociais: um deles com apelo de pequena produção de base familiar, especialmente envolvendo assentados de programa de reforma agrária; outro com apelo de gênero, relacionado a um grupo de cafeicultoras de um projeto governamental de incentivo à produção de cafés por mulheres (projeto Mulheres do Café, da Emater / PR); e o outro, com um apelo para a recuperação de uma região que possui tradição na cafeicultura, mas que teve sua produção minimizada após geada forte na década de 70.

O programa tem como propósito incentivar e proporcionar suporte técnico e de mercado a produtores de cafés especiais durante todo o ano, a fim de aprimorar os conhecimentos sobre as exigências de mercado e incrementar o processo produtivo, voltado para qualidade. Nesse sentido, observa-se algum esforço de parceria para incluir agentes a montante na cadeia global, percebendo-se a importância da orientação para o mercado, conforme preconiza Trienekens (2011).

Apesar da proximidade entre empresa e fornecedores (especialmente pequenos produtores), observou-se que a mensuração do produto envolve custos e pode ser de difícil realização. Assim, mesmo com acompanhamento e monitoramento no processo, os atributos de qualidade do produto podem oscilar. Nota-se, nesse caso, que a variabilidade do produto afeta a mensuração, alinhado à teoria de Barzel (1982), e indicam maior complexidade de mensuração. Dessa maneira, o tópico a seguir abordará o processo utilizado pela exportadora na transação para compra de cafés especiais.

4. Análise e Discussão dos Resultados

4.1. *Dimensões e processo de mensuração do café especial*

Foi possível identificar, no caso analisado, que as transações de compra e venda de cafés especiais tem início antes mesmo da própria colheita. Com o objetivo de garantir a qualidade do café produzido pelos pequenos produtores, a exportadora acompanha o processo de plantio, colheita e preparo do fruto. O suporte técnico é proporcionado por meio de visitas recorrentes do agrônomo e do gestor da exportadora, os quais buscam minimizar os erros do preparo do fruto gerados, muitas vezes, pela falta de informação do produtor. Embora não envolva garantias formais, a relação entre empresa e fornecedor, além de reduzir a quantidade de defeitos dos grãos, pode ser considerada uma forma de viabilizar a efetivação da compra do café, visto que, em grande parte das negociações, não há a formalização de contratos.

Após a colheita e preparo do fruto, uma amostragem de cada lote é retirada e encaminhada para o escritório do estado de São Paulo, onde se localiza o laboratório de controle da qualidade. A amostragem passa primeiramente por uma pré-análise executada pela equipe da empresa (o agrônomo ou os responsáveis pela classificação), que faz a mensuração da proporção de umidade (percentual de água desejável no grão: entre 10,5 e 11,5%), e avalia aspectos físicos como aparência, quantidade visual de defeitos, adequação do manuseio e embalagem, e aroma dos grãos produzidos. Nesses processos, os grãos podem ser rejeitados ou aprovados, seguindo para a sequência de verificação da qualidade do produto somente os aprovados. Nesse caso, a amostra é cadastrada no sistema com os dados do produto e produtor, sendo, posteriormente, encaminhada para o setor responsável pela análise da qualidade e classificação dos grãos.

Dentro do setor de classificação dos grãos, a exportadora conta com dois funcionários treinados para a seleção e organização das amostras. Nesse contexto, um dos funcionários recebe a amostragem aprovada na pré-análise e seleciona, com base nas normas da Classificação Nacional Brasileira (COB), uma porção de 300g para o processo de classificação. Essa amostra, segue para o processo de peneiragem, responsável pela verificação do tamanho dos grãos de acordo com classificação das peneiras, sendo estas: 17, 16, MK-10, 15, 14, 13 e fundo. A quantidade de grãos de cada uma das peneiras é pesada e anotada, em valores percentuais, no cartão informacional que é anexado à amostra ao final do processo. De acordo com as informações coletadas pelo funcionário, quanto maior for a quantidade de grãos de peneiras altas, maior será a valoração do café recebido.

O próximo passo diz respeito ao processo de seleção e contagem dos defeitos. Nessa etapa, a porção é analisada cautelosamente, segundo as normas oficiais, demandando o isolamento de todos os grãos defeituosos, sendo eles: grãos verdes, pretos, conchas, brocados, quebrados, pedras. Após a separação, os grãos defeituosos são pesados, e o valor percentual do número de defeitos pela amostra é registrado no cartão informativo. Observa-se, assim, a importância do ambiente institucional formal na parametrização da transação (JOSKOW, 2004).

Em sequência, a partir da recomendação oficial nacional (COB), são feitas a separação e contagem dos grãos defeituosos de acordo com sua categoria, sendo possível verificar o tipo do café contido na amostragem, como segue no quadro 3. Apesar de existir, dentro do protocolo SCA, instruções para a classificação dos grãos, o uso da normativa brasileira facilita a comunicação com o produtor rural, pois o mesmo está mais familiarizado com essa regra. Assim, nota-se que a empresa buscou se adequar para amenizar a assimetria de informação na transação, tentando sinalizar ao produtor a qualidade física do grão a partir de parâmetros conhecidos por ele.

Após o preenchimento de tais informações no cartão de amostras, se o café apresentar uma proporção de defeituosos inferior a 25%, o café sustenta-se para o processo seguinte, o de avaliação da bebida. Nesse caso, o café segue para a torra e, posteriormente, para a prova. Este processo segue as recomendações colocadas pela SCA, e consiste em classificar o padrão e perfil de bebida de acordo com os atributos internacionalmente aceitos no mercado global de cafés especiais: aroma/ fragrância, sabor, finalização, acidez, corpo, equilíbrio, doçura, limpeza, uniformidade das xícaras e resultado global. A análise conta com o preparo de dez xícaras do café amostral, as quais são postas na mesa de prova a fim de verificar o viés sensorial do produto, exigindo um conhecimento técnico de prova. Dada a necessidade de grande conhecimento, esta etapa é executada pela equipe capacitada, composta por detentores de certificados de provadores oficiais de café (*Q-Graders*).

Quadro 3 - Padrão oficial para classificação do café verde (equivalência em defeito)

Defeitos	Quantidade	Equivalência
Grão Preto	1	1
Grão Ardido	2	1
Conchas	3	1
Grão Verde	5	1
Grão Quebrado	5	1
Grão Brocado	2 a 5	1
Grão Mal Granado ou Chocho	5	1

Fonte: Brasil (2013)

Nesse caso, nota-se uma divergência em termos de ambiente institucional, o que afeta a mensuração: no mercado interno, costuma-se seguir a classificação de bebida preconizada pela COB (bebida dura, bebida mole, apenas mole, estritamente mole); o mercado externo segue o protocolo internacional da SCA. Observa-se que, alinhado a Trienekens (2011), a empresa segue a orientação para o mercado, utilizando o protocolo internacional e fazendo a mensuração a partir dele. Segundo os entrevistados, isso gera maior complexidade na relação com o produtor, pois este está habituado ao protocolo nacional. De fato, observou-se que os produtores possuem dificuldades de entender a classificação utilizada pela empresa.

Após a prova, os responsáveis elaboram o laudo das amostras avaliadas, em que cada uma recebe determinada pontuação que varia entre 0 e 100 pontos. Embora a empresa efetue a compra de cafés que obtenham pontuação acima de 80 pontos, como cafés especiais, a empresa comercializa cafés classificados como excelente e excepcional (pontuação acima de 86). Em caso de aprovação, o funcionário responsável pela parte comercial sinaliza ao produtor o interesse de compra, apontando o valor a ser pago, calculado a partir da qualidade anteriormente verificada, o preço diário praticado no mercado e os respectivos diferenciais de preço, além de um conjunto de critérios financeiros e logísticos.

Com a efetivação da compra do café do produtor, o lote segue para um dos armazéns terceirizados, contratados pela exportadora, e uma nova amostra é retirada antes da entrada do café no armazém, a amostra de conferência. A partir da conferência do lote, os cafés serão transferidos para um maquinário especializado para preparação, que inclui a separação por peneira e a retirada dos grãos, para formação do lote a fim de atender ao mercado externo. Após esse preparo, uma nova amostra é encaminhada para o escritório da empresa, demandando iniciar todo o processo de cata, torra e prova a fim de verificar a conformidade do lote preparado.

Após toda essa repetição dos processos, as informações sobre o lote são atualizadas no sistema, disponível para a realização de vendas pelo responsável comercial da empresa, encarregado da elaboração dos contratos de venda e da logística de distribuição. Antes da venda do produto, normalmente se envia amostra para o potencial comprador no exterior, e ele realiza todo o processo de classificação e prova para avaliar a qualidade do produto. No caso de efetivação da venda, a empresa é responsável pela contratação do transporte ao porto ou as cafeterias nacionais. Ao receber o produto, o comprador no exterior realiza nova avaliação da qualidade, para verificar se o lote enviado corresponde à amostra avaliada antes da compra. Com a chegada do produto ao consumidor, o ciclo de avaliação da qualidade para comercialização de cafés na empresa está completo. Observa-se assim um processo de repetidas mensurações ao longo de toda a transação do café. Esse processo de mensuração do café especial pode ser simplificado por meio do fluxograma apresentado na figura 1.

4.2. Discussão dos resultados

A qualidade final do café demanda coordenação de todos os agentes da cadeia, haja vista a necessidade de cuidados desde a etapa de produção na fazenda, até a maneira como chega ao consumidor final. Isso faz com que o processo de compra e venda dos cafés especiais seja complexo. Embora a informação sobre os atributos que compõem o café seja condição para a realização das transações e reconhecimento do valor do produto, essas informações são desconhecidas em primeira instância, podendo gerar problemas de assimetria de informação, conforme previsto por Oliveira *et al.* (2019). Assim, analisar quais os principais atributos que compõem o café e como são mensurados, contribuem para a cadeia. Além do mais, a empresa enfatiza a necessidade de compartilhar essa informação com o produtor, para que ele possa entender de maneira clara a relação entre preço e qualidade, conforme proposto por Clay *et al.* (2018).

Observou-se no caso analisado que o café, decomposto em suas dimensões, é avaliado em quatro etapas. A primeira delas, a avaliação da umidade por meio de equipamento eletrônico, é considerada pré-análise, e segundo o responsável, é de fácil realização. A segunda fase se refere à avaliação do aspecto do café, é visual e olfativa, e de fácil realização. A terceira consiste na contagem dos defeitos e é feita sob uma amostra total de todas as sacas a serem avaliadas. Essa análise, embora visual, é feita de maneira rigorosa e detalhada. Além disso, por ser feita perante uma amostra de todo o café a ser comercializado, estimar a quantidade de defeitos é de extrema importância, tendo em vista a elevada variabilidade do produto, e, com isso, alto risco. Logo, quanto mais precisa a apuração da quantidade de defeitos, menor pode ser o risco. Já a quarta fase, a análise sensorial, envolve atributos de difícil mensuração, sendo mensurados somente após o consumo do café, durante a etapa de prova da bebida. Das quatro etapas de análise, a contagem de defeitos e a avaliação sensorial envolvem elevados custos de mensuração, embora na contagem de defeitos ela seja feita de maneira ainda visual.

As três primeiras fases (umidade, aspecto e contagem de defeitos) são de caráter eliminatório, enquanto a última etapa, a sensorial consiste na elaboração do perfil e avaliação perante a SCA. Assegurar um padrão no café é requisito mínimo para a qualidade final do produto, uma vez que a mensuração é feita por amostras, devido à impossibilidade de mensuração da quantidade total. Em todas estas fases, a exportadora dispõe do seu quadro de funcionários especializados nas seleções físicas ou sensoriais de cafés, a fim de compreender o tipo do grão que foi produzido e qual capacidade deste em gerar uma boa bebida. Isso está em consonância com o estudo de Donnet, Weatherspoon e Hoeh (2007), os quais mostraram que nas transações que envolvem ativos de difícil mensuração ou de mensuração custosa, há necessidade de profissionais especializados.

A geração de valor e definição de preço do café dependem, em grande parte, de tais mensurações executadas na empresa. Nesse sentido, a exportadora possui várias funções além da conexão entre fornecedores e compradores, sendo que é responsável por construir informações e agregar valor ao produto, absorvendo assim os custos do processo. Desse modo, foi possível notar que no caso analisado, os custos de mensuração são de inteira responsabilidade da empresa. Por outro lado, uma vez que a empresa é parte interessada, a isenção não é garantida na transação. Embora tenham se observado esforços do lado da empresa em informar ao produtor sobre a qualidade efetiva do produto (atributos físicos e de bebida), o produtor muitas vezes não domina esse processo de mensuração.

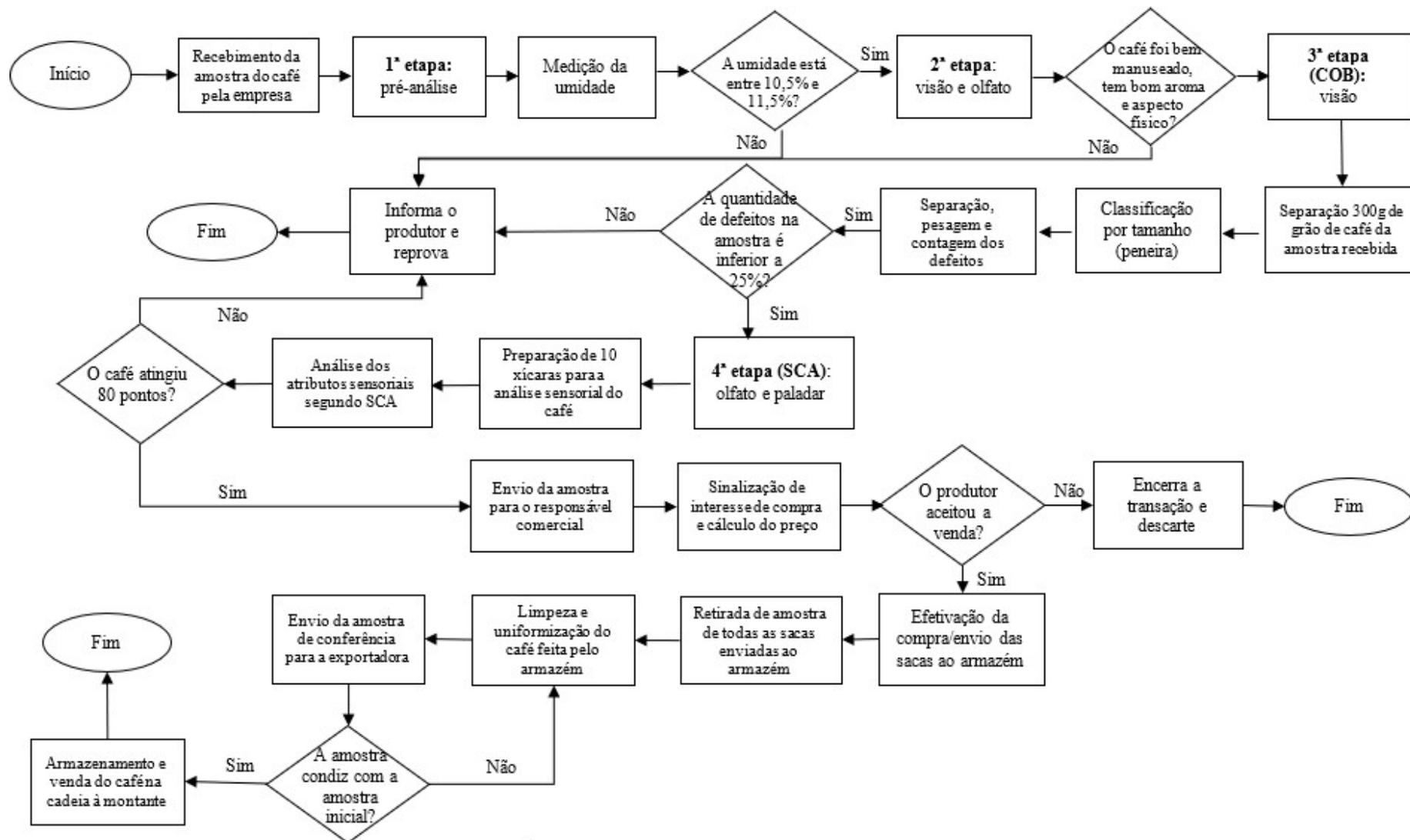


Figura 1: Fluxograma do processo de mensuração do café especial

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados primários

Sueny Gomes Léda Araújo¹; Christiane Gomes dos Santos²; Rafaela Romaniuc Batista³; Isaac Newton Cesarino da Nóbrega Alves⁴; Serviço de Informação ao Cidadão (E-SIC) nas Universidades do Nordeste

Foi observado junto aos produtores que eles, no máximo, conhecem a avaliação física do café (proporção de defeitos, aspecto e tamanho dos grãos). Eles em geral não sabem fazer a prova de xícara e mensurar os atributos relativos à bebida. Como agravante, destacam-se as divergências em termos de ambiente institucional, uma vez que os produtores têm conhecimento do padrão COB anteriormente mencionado, e pouco entendem sobre a escala SCA. Isso dificulta a compreensão e a aceitabilidade das informações dos laudos de prova. Assim, todo esse processo de mensuração nem sempre garante transações sem conflito, reforçando a necessidade de orientações sobre os requisitos de mercado para garantir a transação entre as partes, conforme preconiza Trienekens (2011).

As quatro etapas de classificação são fundamentais para o processo de compra e venda de cafés especiais. Isso é evidenciado pela alta variabilidade do produto, fator que dificulta a maximização de valor devido aos custos positivos de mensuração (BARZEL, 1982). Afinal, nenhum lote de cafés especiais é idêntico. Mesmo sendo um produto derivado do mesmo fornecedor, o tempo de maturação, secagem e umidade ocorreram em momentos distintos, podendo gerar assim alteração na qualidade do produto. Além disso, o lote de café pode sofrer variações ao longo do tempo, o que justifica as repetidas avaliações entre exportadora e compradora. O sócio diretor relatou situações em que a qualidade do lote vendido não conferiu com a amostra, provada pelo comprador no exterior, gerando custos de renegociação e outras perdas. Com base nesse cenário de variabilidade, é possível afirmar que a exportadora está sujeita aos custos positivos de mensuração.

Ademais, descobriu-se que com o propósito de garantir a qualidade do produto, os custos da exportadora surgem antes mesmo da chegada da amostra aos responsáveis da empresa, demandando acompanhamento produtivo das safras e auxílio no manejo das plantas e trato do fruto, fator este que garante a obtenção de algumas informações sobre o grão. Segundo o gestor da empresa, tal assistência tem como propósito aproximar a empresa com seus fornecedores, o qual gera um ganho maior ao fornecedor e a garantia de grãos com maior qualidade. Essa construção do relacionamento de confiança e frequência transacional entre os produtores e a exportadora, procura alcançar maior padronização dos cafés na etapa de produção na fazenda.

Considerando ainda a relação entre a exportadora e produtores, identificou-se que o produtor não possui as informações completas sobre seu próprio produto, o qual possui apenas uma breve concepção da qualidade produzida. Em outras palavras, os produtores sabem se a safra foi “boa” ou “ruim”, mas não possuem as informações que são proporcionadas pelo processo de separação e análise sensorial. Alinhado com os achados de Guimarães *et al.* (2020), o conhecimento por parte dos produtores depende da revelação da informação por parte da exportadora. Por isso, o desequilíbrio na detenção da informação pode gerar um problema de distribuição de valor na transação de cafés especiais.

Levando-se em conta que a empresa possui poucas informações quando a amostra chega ao laboratório de prova, fica evidente a necessidade de avaliar o produto a fim de compreender os atributos a serem comercializados. Essa produção e disseminação de informação aos compradores da exportadora é explicado por meio do embasamento teórico por Barzel (2005), o qual defende que a criação e dissipação de tais informações são necessárias para buscar transparências das transações e agentes, garantir o direito de propriedade e evitar a captura de quase renda. Dessa forma, a exportadora mensura as dimensões das amostras a fim de construir as informações do produto, analisando sua adequação para o público-alvo da empresa e a garantia de direito de propriedade. Ademais, a alta variabilidade existente no produto demanda estruturas de governança que, além de evidenciar os atributos presentes, promova a remuneração adequada desses atributos (GUIMARÃES; SOUZA; SCHIAVI, 2020).

Embora haja o esforço da empresa em estabelecer uma relação de longo prazo com os produtores para garantir o suprimento de cafés de qualidade, não há garantias formais para ambos os agentes e nenhum tipo de compromisso contratual. Assim, pode-se afirmar que o mecanismo de controle compatível com a situação enfrentada pela empresa são as relações de risco, embora respaldadas na reputação e na confiança. Contudo, verificou-se que as dimensões que compõem o café transacionado são difíceis ou custosas de serem mensuradas, e, portanto, relações de risco não são, de acordo com Barzel (2005), adequadas para garantir a distribuição de valor entre os agentes. Uma vez que a continuidade desses sistemas diferenciados depende da distribuição de valor, indica-se a possível necessidade de mecanismos de governança mais complexos.

Nesse sentido, por meio da literatura apresentada no âmbito dos custos de mensuração, foi possível verificar a existência de custos positivos no processo de compra e venda de cafés especiais. Além disso, verificou-se que há um desequilíbrio na detenção da informação, podendo gerar um problema de distribuição de valor e incentivos na cadeia, conforme preconizado por Clay *et al.* (2018) e Guimarães *et al.* (2020).

O quadro 4 apresenta uma síntese dos achados desse estudo, tendo como base as categorias de análise definidas.

Quadro 4 – Síntese dos achados nesse estudo a partir das categorias de análise

Categoria de análise	Definição constitutiva	Definição operacional	Achados do estudo
Dimensões envolvidas na transação	Dimensões que compõem um ativo, nas quais devem ter seus direitos de propriedade distribuídos. Essa distribuição depende da possibilidade de mensuração dessas dimensões, que varia em termos de dificuldade	No café dimensões visuais: cor, tamanho, defeitos, espécie; dimensões sensoriais: sabor, uniformidade, aroma	No café as dimensões consideradas são: umidade; dimensões visuais: cor, tamanho, defeitos, espécie; dimensões sensoriais: sabor, aroma, uniformidade, acidez, corpo, equilíbrio, doçura, limpeza, finalização.
Mecanismos de mensuração	Mecanismos que orientam a avaliação dos atributos que compõem o ativo	Avaliação segundo os instrumentos do COB, SCA, que pode ser feita de forma visual, sensorial	Etapa 1: medidor de unidade – fácil mensuração e pouco custosa; Etapa 2: visual/ olfativa – fácil mensuração e pouco custosa; Etapa 3: catação de defeitos, de acordo com a COB – fácil mensuração, mas requer rigor e controle, possui alto custo; Etapa 4: sensorial, de acordo com a SCA – difícil mensuração e altamente custosa.
Estrutura de governança	Modo pelo qual as transações são executadas	Relações de risco, leilões, contratos, relações de longo prazo, internalização à firma	Relações de risco, pautadas na reputação e confiança entre as partes.

Fonte: elaborado pelos autores

Na seção a seguir são apontadas as principais considerações sobre o cenário de cafés especiais no caso da exportadora em questão.

5. Considerações Finais

O processo de comercialização de cafés especiais é altamente complexo e requer cuidados desde a produção na fazenda até a chegada no consumidor final. Cafés especiais envolvem algum tipo de diferenciação, e, portanto, maior valor agregado. Assim, a sobrevivência da cadeia depende do retorno aos esforços e investimentos em busca de qualidade. No caso analisado, verificou-se esforços por parte da exportadora para a produção de cafés com maior qualidade, quando comparado ao café commodity. Foram identificadas atuações como o desenvolvimento conjunto de técnicas de produção, visitas técnicas periódicas e o desenvolvimento de programas sociais.

Entretanto, produzir um café de qualidade não é suficiente para a promoção da cadeia. Para a promoção e continuidade de tais sistemas, é fundamental mensurar e conhecer as características de qualidade do café. No caso analisado a mensuração é realizada em quatro etapas a partir da chegada da amostra de cafés na empresa. A primeira delas consiste em uma pré-análise. A segunda, é visual e olfativa. Observou-se que são fáceis de serem realizadas, sendo responsáveis por filtrar os cafés que procedem para as classificações seguintes.

A terceira fase, também visual, é realizada por profissionais treinados, e tem como intuito classificar os cafés de acordo com as normas da Classificação Oficial Brasileira (BRASIL, 2003). Nesse estágio o produto é

mensurado principalmente com relação a contagem dos defeitos. É a partir dela que se estima a variabilidade e risco envolvido no produto. Uma vez que a análise é feita por meio de amostras, observou-se que quanto maior a quantidade de defeitos, maior poderá ser a variabilidade e, portanto, o risco de o produto apresentar defeitos a jusante da cadeia. Com isso, constatou-se que apesar de ser empreendida antes da troca e de forma visual, envolve custos de mensuração, pois, requer avaliação minuciosa por profissionais e maquinários específicos.

A quarta etapa envolve a classificação dos cafés, segundo as recomendações da SCA, quanto aos seus atributos sensoriais. A mensuração é feita por profissionais certificados pela organização, por meio da prova do café pronto. Constatou-se que é difícil de ser realizada, demandando algumas vezes a prova de mais de um profissional. Apesar disso, pode-se concluir que diante da variabilidade inerente ao produto, o instrumento desenvolvido pela SCA consiste em um esforço para padronização a nível global e possível redução da assimetria de informação e dos custos de transação.

Verificou-se no caso analisado que apesar dos esforços na busca em estabelecer relações de longo prazo entre exportadora e produtores, não há contratos ou garantias formais quanto aos termos da transação. Logo, a estrutura de governança envolve acordos verbais respaldados pela reputação e confiança. Tanto exportadora quanto produtores podem a qualquer momento interromper a relação. Contudo, observou-se que as dimensões que compõem o café são majoritariamente difíceis, custosas ou requerem cuidados específicos na sua realização, fazendo com que a estrutura de governança adotada não seja adequada para a eficiência e sobrevivência desse subsistema. Assim, conclui-se, segundo a ECM, que apesar dos esforços em realizar a mensuração dos atributos que compõem o café, a maneira como as transações estão organizadas podem comprometer a continuidade da cadeia. Maiores esforços de coordenação, envolvendo criação de valor, relacionamento e governança, como preconizados por Trienekens (2011) e Bankuti (2016), parecem ser necessários para ganhos de competitividade nesse subsistema.

Entretanto, pode-se afirmar que a maneira como a transação está organizada pode estar relacionada ao baixo tempo de atuação da empresa. Assim, conjectura-se que os esforços em busca de um relacionamento mais próximo entre os agentes podem ser revertidos, em momento posterior, em estruturas de governança mais complexas.

Portanto, de modo a minimizar as limitações encontradas pela organização, a respeito da construção de relacionamento, dos processos de mensuração e remensuração, além do já mencionado aumento do tempo de atuação da empresa, o qual permite uma maior frequência da transação e consequente reputação. Sugere-se que seja desenvolvido algum tipo de certificação, com isso parte da mensuração do café pode ser realizada por uma terceira parte, permitindo a adoção de estruturas de governança menos complexas, como apontado por Donnet, Weatherspoon e Moss (2010) e Guimarães, Souza e Schiavi (2020).

Assim, uma das limitações enfrentadas pelo estudo consiste no baixo tempo de atuação da empresa no mercado. Estudos futuros que busquem compreender as transações entre a exportadora e os produtores podem verificar a eficiência nas transações após determinado tempo de atuação. Além disso, pesquisas envolvendo outros compradores, inclusive em outras regiões, e um número maior de produtores poderiam permitir maior aprofundamento e análises mais completas dessa cadeia no contexto global.

REFERÊNCIAS

AKERLOF, G. The market for lemons: quality uncertainty and the market mechanism. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 84, n. 3, 1970.

AZEVEDO, P. F. Nova Economia Institucional: referencial geral e aplicações para a agricultura. **Agricultura em São Paulo**, v. 47, tomo 01, 2000. Disponível em: http://www.gepai.dep.ufscar.br/pdfs/1085082759_ASP-REFERENCIAL.pdf. Acesso em 23 jul 2020.

BANKUTI, S.M.S. Differentiated agrifood systems (DAS): organizational arrangements for small and mid-sized farmers. II Simpósio internacional em agronegócio e desenvolvimento. **Anais...** Tupã: UNESP, 2016. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARRETO, R. C. S.; ZUGAIB, A. C. C. Dinâmica do mercado internacional de café e determinantes na formação

de preços. **Economia & Região**, Londrina, v. 4, n. 2, p.7-27, jul./dez. 2016.

BARZEL, Y. Measurement cost and the organization of markets. **Journal of Law and Economics**, v. 25, n. 1, p. 27-48, apr., 1982.

BARZEL, Y. Organizational forms and measurement costs. **Journal of Institutional and Theoretical Economics**, n. 161, p. 357-373, 2005.

BARZEL, Y. The property rights model. In.: BARZEL, Y. **Economic analysis of property right**. 2nd ed. Cambridge University Press, 1997.

BRASIL. Instrução normativa nº 8, de 11 de junho de 2003. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jun. 2003. Seção 1, p. 4-6. Disponível em: http://www.codapar.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/cafebenef008_03.pdf. Acesso em: 02 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Valor bruto da produção agropecuária (VBP)**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/valor-bruto-da-producao-agropecuaria-vbp>. Acesso em: 18 jan. 2018.

BRONZERI, M.S.; BULGACOV, S. Estratégias na cadeia produtiva do café no norte pioneiro do Paraná: competição, colaboração e conteúdo estratégico. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 16, n. 1, p. 77-91, 2014.

CALEMAN, S. M. et al. Mecanismos de governança em sistemas agroalimentares: um enfoque nos custos de mensuração. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 4, n. 2, 2006.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **PIB do Agronegócio**. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/pib/>. Acesso em: 08 fev. 2017.

CLAY, D. C. et al. Farmer incentives and value chain governance: critical elements to sustainable growth in Rwanda's coffee sector. **Journal of Rural Studies**, v. 63, p. 200-213, 2018.

COSTA, B. R. Brazilian specialty coffee scenario. In: ALMEIDA, L. F.; SPERS, E. E. **Coffee Consumption Industry Strategies in Brazil**. Woodhead Publishing, 2020.

CLIFFORD, J. Notes on (Field) notes. In.: SANJEK, R. **Fieldnotes: the makings of anthropology**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1990.

COASE, R. H. The nature of the firm. **Economica**, v. 4, n. 16, p. 386-405, nov., 1937.

DONNET, M. L.; WEATHERSPOON, D. D.; HOEHN, J. P. What adds value in specialty coffee? Managerial implications from hedonic price analysis of central and south American e-auctions. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 10, n. 3, 2007.

DONNET, M. L.; WEATHERSPOON, D. D.; MOSS, C. B. Measuring food product differentiation by quality ratings: a cross-entropy analysis of specialty coffee e-auctions. **Journal of Agricultural Economics**, v. 61, n. 1, p. 122-137, 2010.

EISENHARDT, K. M. Agency theory: an assessment and review. **The Academy of Management Review**, v. 14, n. 1, p. 57-74, 1989.

FIGUEIREO, J. C.; CSILLAG, J. M. Construindo pontes conceituais entre atributos da qualidade em alimentos. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v.12, n. 34, p.100-112, 2010.

FOSS, K.; FOSS, N. Assets, attributes, and ownership. **Institutt for Industriekonomi og Virksomheds strategi**. Working Paper, 3, dec. 2000.

FRANCK, A. G. S. et al. Análise da competitividade do mercado exportador brasileiro de café. **Desafio Online**, Campo Grande, v.4, n. 3, art.1, set./dez. 2016.

- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- GUIMARÃES, A. F. *et al.* Governance analysis in global specialty coffee value chain: a study with down stream agents. In: IFAMA's 30th World Conference. Rotterdam: The Netherlands: IFAMA, 2020.
- GUIMARÃES, A. F.; SOUZA, J. P.; SCHIAVI, S. M. A. Atributo de qualidade e mecanismos de mensuração no subsistema de cafés especiais no Brasil: uma revisão de literatura. **GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas**, v. 15, n. 2, p. 227-252, 2020.
- HENSON, S. HUMPHREY, J. Understanding the Complexities of Private Standards in Global Agri-food Chains. International Workshop on Globalization, Global Governance and Private Standards. **Proceedings...** Leuven, 2010.
- JOSKOW, P. L. **New institutional economics: a report card.** Conference of International Society of New Institutional Economics, Budapest, Hungary, sep., 2004.
- LEME, P. H. M. V.; MACHADO, R. T. M. Os pilares da qualidade: o processo de implementação do Programa de Qualidade do Café (PQC). **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 12, n. 2, p. 234-248, 2010.
- MARESCOTTI, A.; BELLETTI, G. Differentiation strategies in coffee global value chains through reference to territorial origin in Latin American countries. **Culture & History Digital Journal**, v. 5, n.1, jun., 2016.
- MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research and case study applications in education.** United States of America: PB Printing, 1998.
- MKHABELA, T. Dual moral hazard and adverse selection in South African agribusiness: it takes two to tango. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 21, n. 3, 2018.
- NICOLELI, M. *et al.* Structural aspects of specialty coffee context on transaction costs view. **Custos e @ agronegócio online**, v. 11, n. 4, oct./dec., 2015.
- OLIVEIRA, G. M. *et al.* Can contracts substitute hierarchy? Evidence from high-quality supply in Brazil. **British Food Journal**, v. 121, n. 3, 2019.
- PEREIRA, V. F. *et al.* Riscos e Retornos da Cafeicultura em Minas Gerais: uma análise de custos e diferenciação. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 48, n. 3, p. 657-678, jul/set 2010.
- PONTE, S. Standards and sustainability in the coffee sector: a global value chain approach. **International Institute for Sustainable Development**, 2004.
- QUADROS, A. V. C. Estruturas de governança na cadeia produtiva de cafés gourmet: o caso dos produtores de Alta Mogiana. 2012. 130f. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- SAES, A. M. Do vinho ao café: aspectos sobre a política de diferenciação. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 7-19, fev., 2006.
- SAES, M. S. M. A distribuição de quase-renda e a estratégia de diferenciação no café. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, n. 2, abr./jun., p. 151-171, 2007.
- SAES, M. S. M.; JAYO, M. Competitividade do sistema agroindustrial do café. In: FARINA, E. M. M. Q.; ZYLBERSZTAJN, D. (Ed.). **Competitividade no agribusiness brasileiro.** São Paulo: Pensa/FIA/FEA/USP, 1998.
- SAES, M. S. M.; SILVEIRA, R. L. F. Novas formas de organização nas cadeias agropecuárias brasileiras: tendências recentes. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 22, n. 2, p. 386-407, 2014.
- SANTOS, F. L.; NANTES, J. F. D. Coordenação no mercado do café brasileiro: o desserviço da classificação por defeitos. **Revista Gepros**, v. 21, n. 3, p. 586-599, 2014.

SCA. **Specialty Coffee Association**. Disponível em: <https://sca.coffee/>. Acesso em 28 fev 2018.

SCA. Specialty Coffee Association of America. **Cupping protocols**. Disponível em: <http://www.scaa.org/?page=resources&d=cupping-protocolss>. Acesso em 17 jan. 2018.

SOUZA JUNIOR, R. T.; BALBINOTTO NETO, G. A necessidade de agências reguladoras sobre a perspectiva da nova economia institucional. **Anais...** ENANPAD, Salvador, set., 2006.

TÓTH, J. Value creation and capturing: the case of the Hungarian agri-food SMEs. **89th Agricultural Economics Society Conference**, April 13-15, 2015, Warwick University, Coventry, UK. Disponível em: <http://purl.umn.edu/204229>. Acesso em: 06 mar. 2019.

TRIEKENS, J. H. J. Agricultural value chains in developing countries: a framework for analysis. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 14, n. 2, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa e, educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Foreign Agricultural Services**. Disponível em: <http://apps.fas.usda.gov/psdonline/psdQuery.aspx>. Acesso em: 18 jan. 2018. United States of America: PB Printing, 1998.

VIEIRA, L.M. O impacto das normas alimentares públicas e privadas na coordenação da cadeia da carne bovina: um estudo exploratório. **Revista de Administração**, São Paulo, v.41, n.1, p. 69-80, jan./mar. 2006.

VOTTA, T. B; VIAN, C. E; PITELLI, M. M. A desregulamentação no mercado de café torrado e moído e a emergência de campos organizacionais: uma análise prospectiva e uma agenda de pesquisa. In: 44 Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) Fortaleza, Ceará, Brasil: Universidade Federal do Ceará, 2006.

WILLIAMSON, O. E. **The economic institutions of capitalism**. New York: Free Press, 1985.

ZYLBERSZTAJN, D. Papel dos contratos na coordenação agroindustrial: um olhar além dos mercados. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 43, n. 3, p. 385-420, jul./set., 2005.